O Ensino Primário na Primeira Metade do Século XX

JOAQUIM ALVES

Os povos modernos devem sua prosperidade à organização da escola primária em bases científicas, pois da sua eficiência depende o êxito dos cursos imediatos, dos quais sairão os técnicos, administradores e políticos do País. No Brasil, desde a instalação do ensino, coube ao Estado criar escolas para a aprendizagem das classes menos abastadas, enquanto as Ordens religiosas iniciaram a fundação dos primeiros colégios para a educação dos jovens que podiam frequentar os seminários e cursos superiores. Depois vieram as escolas para o ensino de latim, português e cálculo, espalhadas pelo interior e frequntadas pelos rapazes das famílias mais consideradas das cidades. A leitura dos clássicos portuguêses e latinos transmitiu às gerações do século XIX o gôsto pelo estudo dos clássicos, que caracterizou a cultura daqueles tempos. Nos últimos momentos da colônia foram criadas escolas para o ensino do povo; reduzido, porém, era o número dos alunos matriculados, entre os quais não figuravam as meninas, em virtude do preconceito doméstico que impedia a educação das moças, para que as filias de família não escrevessem aos namorados. Só os rapazes podiam receber os ensinamentos das primeiras letras. Quando se tratava de famílias ricas, residentes nos sítios de cana, era costume os chefes contratar um professor para dar aulas em casa, incluindo no ensinamento o da religião.

No Império houve sempre, no Ceará, interêsse pelo desenvolvimento das atividades educacionais, o que contribuiu para que as escolas primárias se multiplicassem pelo interior. O número de alunos aumentava, apezar das crises climáticas que destruiam tôdas as possibilidades de que o homem dispunha para a formação de uma mentalidade mais avançada para o estudo e solução dos problemas regionais.